

'O Cravo e a Rosa'
ganha adaptação
para os palcos

PÁGINA 3



Novo 'Beetlejuice'
renova carisma de
Michael Keaton

PÁGINA 5



Biografia aponta
as contradições de
George Harrison

PÁGINA 7



2º CADERNO

A PERIFERIA no centro do palco

Escola Popular de
Teatro da Baixada
completa um ano
com números
impressionantes

Cena do
espetáculo
'Altura
Suficiente'



inaugurada em 21 de agosto de 2023, a Escola Popular de Teatro da Baixada, criada pelo Instituto Cultural Cerne e pela Cia Cerne, em São João de Meriti, hoje já se consolida como um polo aglutinador de diferentes ações culturais na região. Os números alcançados impressionam.

Neste período, mais de 200 alunos, a maior parte composta por moradores da Baixada Fluminense, participaram das nove turmas oferecidas pela instituição, que fez de sua sede, no Centro de São João, um dos espaços culturais mais movimentados da cidade. Já foram oferecidas, sempre gratuitamente, 866 horas/aula em

oficinas de atuação, direção, dramaturgia e produção, contemplando estudantes com idades que variam de 4 a 62 anos.

“O Instituto Cultural Cerne e a Cia Cerne sempre tiveram um histórico de luta pela valorização da cultura periférica e pela redução dos impactos da hegemonia cultural que centraliza as ações de cultura, lazer

e desenvolvimento social em áreas afastadas da Baixada Fluminense. Há um ano, esse trabalho foi intensificado com a criação da Escola Popular de Teatro da Baixada”, explica Vinícius Baião, que este ano ganhou o Prêmio Shell de Teatro na categoria dramaturgia, a mais importante do país.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL

Reprodução YouTube



João Gordo exibe o Panelaço no YouTube

Processo de João Gordo leva Globo a mudar nome de atração

A Globo mudou o nome do programa Panelaço Ao Vivo, comandado por Ana Clara Lima no GNT em 2023. Para a nova temporada, que estreia no mês que vem, a atração usará o nome de Panela Quente.

O motivo? Ação judicial movida pelo apresentador e músico João Gordo, que acusou a Globo e o GNT de

apropriação intelectual do formato e do nome de seu programa de entrevistas Panelaço, produzido desde 2014 e exibido no YouTube.

Em uma publicação no Instagram ainda no ano passado, João anunciou o processo. O caso ainda não teve uma resolução no INPI (Instituto Nacional de Propriedade Intelectual).

Line-up

O Lollapalooza Brasil divulgou o line-up da edição 2025. Olivia Rodrigo, Justin Timberlake, Shawn Mendes, Alanis Morissette, Rūfūs Du Sol e Tool são as principais atrações. As bandas Parcels e Fontaines D.C vêm ao país pela primeira vez.

Visão parcial

Elton John revelou que foi diagnosticado com uma infecção nos olhos. O cantor de 77 anos deu detalhes do seu estado de saúde via Instagram. “Tenho lidado com uma infecção que me deixou com a visão parcial em um olho”, contou.

Line-up II

Entre os nomes nacionais, se destacam Jão, Marina Lima, Terno Rei, Drik Barbosa, Jovem Dionísio, o duo Trokillaz e o Sepultura, que traz aos palcos do evento sua turnê de despedida, “Celebrating life through death”, após 40 anos de estrada.

Show do Milhão

Prometido apenas para o ano que vem, o SBT decidiu antecipar o retorno do Show do Milhão, um clássico da emissora no início dos anos 2000. A nova versão, comandada por Patrícia Abravanel, começa a ser exibida já neste domingo (8).



Alunos reunidos na Escola Popular de Teatro da Baixada

Grupo também aposta na formação de plateia

A Escola Popular de Teatro da Baixada também desenvolveu um trabalho contínuo de formação de plateia, levando seus alunos para assistirem espetáculos em diferentes teatros da região metropolitana do Rio, e recebendo algumas produções na própria escola. Ao todo, mais de 30 espetáculos de reconhecida relevância cultural e artística foram assistidos não apenas pelos alunos e alunas, mas também pelos moradores da Baixada.

“A produção dos alunos também foi muito valorizada neste primeiro ano de ações. A Turma de Formação fez, como trabalho de conclusão de curso, duas sessões da peça autoral “Altura Suficiente” no Teatro Firjan Sesi Duque de Caxias, que debatia os conflitos por quem tem que pegar, diariamente, os trens, refletindo nos palcos um pouco da vida dos moradores das periferias”, explicou Vinícius Baião.

Além dessas apresentações, houve leituras dramatizadas,

publicação de e-book com dramaturgias de alunos, encaminhamento de atores para participarem de diversas atividades cênicas em eventos e festivais e ainda há mais três espetáculos (das turmas infantil, adolescente e de montagem) para estrear nos próximos meses.

“Cabe ainda ressaltar que diversos alunos e ex-alunos estão conseguindo se inserir no mercado cultural a partir dos ensinamentos da escola, o que evidencia um dos principais objetivos do Instituto Cultural Cerne: a cultura como elemento gerador de emprego e renda”, completou o dramaturgo.

Ao todo, mais de 30 profissionais participaram das atividades da Escola, seja ministrando aulas ou participando de conversas e debates com os alunos, movimentando efetivamente a economia criativa não apenas de São João, mas de toda a Baixada. Neste primeiro ano, a Escola Popular de Teatro da Baixada foi financiada através de um acordo de cooperação técnica com a Firjan Sesi e de uma emenda parlamentar do deputado Glauber Braga. Que venham os próximos aniversários!

Do palco para a telinha e da telinha para o palco

Rodrigo Lopes/Divulgação



Elenco completo de 'O Cravo e a Rosa - O Espetáculo'

Inspirada em 'A Megera Domada', de Shakespeare, a novela 'O Cravo e a Rosa' ganha versão teatral

Uma das novelas mais amadas e marcantes da teledramaturgia brasileira, "O Cravo e a Rosa", de Wálcyr Carrasco, ganha adaptação inédita para o teatro. Com direção de Pedro Vasconcelos e direção de produção de Marcelo Faria, "O Cravo e a Rosa - O Espetáculo" faz sua estreia nacional nesta sexta-feira (6) no Teatro Prio, no Jockey Club da Gávea.

Isabella Santoni e Dudu Azevedo são vida aos hilariantes Catarina e Petrucchio interpretados na TV por Adriana Esteves e Eduardo Moscovis. O elenco também conta com João Camargo (Batista), Catarina de

Carvalho (Bianca), Rosana Dias (Mimosa), Marcello Gonçalves (Seu Calixto), Carlos Félix (Seu Etevaldo Praxedes, o cobrador) e John Garita (Seu Venceslau Torres).

Ambientada na São Paulo do final da década de 1920, "O Cravo e a Rosa" conta a história do relacionamento tumultuado de Pe-

truchio, um rude fazendeiro em dificuldades financeiras, e Catarina, uma temperamental jovem rica e feminista, conhecida pelo apelido de "fera" por afugentar seus pretendentes. Com o desenrolar de uma trama hilária e emocionante, ele precisa conquistá-la para pegar seu dote e pagar suas dívidas. No en-

tanto, entre tapas e beijos, ambos se apaixonam perdidamente.

A obra é inspirada em "A Megera Domada", uma das peças mais famosas do dramaturgo inglês William Shakespeare, e transporta o público para uma época em meio a questões importantes como o voto feminino e a igualdade de gênero, tema esse ainda relevante para o nosso país.

"O amor que nasce das diferenças, da aceitação do outro com suas características diversas, as dores humanas retidas em nossos corações que fazem a gente cair em ciladas emocionais e comportamentais. Vem daí o humor de Catarina e Petrucchio. Comportamentos que sublimam nossa individualidade e causam conflitos de relações. A obra é leve, divertida, porém profunda na questão dos relacionamentos. Eu estou muito feliz por juntar em um único projeto duas das minhas grandes paixões profissionais: a novela e o teatro", conta o diretor Pedro Vasconcelos.

SERVIÇO

O CRAVO E A ROSA - O ESPETÁCULO

Teatro Prio (Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - Gávea) de 6/9 a 27/10, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Em dose dupla

Cia Pandorga celebra aniversário com duas montagens no Teatro EcoVilla Ri Happy

Comemorando 18 anos de atividades ininterruptas, a Pandorga Cia. de Teatro apresenta dois espetáculos de seu repertório no teatro EcoVilla Ri Happy: o premiado monólogo "Juvenal, Pita e o Velocípede" (2015), com Eduardo Almeida e direção de Cadu Cinelli; e "Louise/os ursos" (2023), primeira montagem no Brasil da francesa Karin Serres, dirigida por Cleiton Echeveste.

Em 'Juvenal, Pita e o Velocípede', o personagem do título era um garoto de 5 anos que adorava brincar com o seu velocípede. Um dia, conheceu a menina Pita e se tornaram amigos inseparáveis, vivendo grandes aventuras a bordo de um velocípede. No monólogo, o ator Eduardo Almeida empresta as



Louise/os Ursos

próprias lembranças da infância para contar as histórias de Juvenal. Um teatro foi o lugar escolhido por Pita para reencontrar o amigo de infância após 30 anos. Enquanto espera a amiga chegar, ele relembra diversas histórias dos tempos de criança.

A montagem de "Louise/os ursos" é a primeira no Brasil de uma obra da autora francesa Karin Serres - que tem mais de 30 textos encenados na Europa, Estados Unidos e Canadá. Escrita em 2006, "Louise/os Ursos" foi finalista no Grande Prêmio Francês

de Literatura Dramática e integra a listagem de textos de excelência, segundo o Ministério da Educação da França. Com direção de Cleiton Echeveste, a peça teve seu texto traduzido especialmente para esta montagem por Thaís Loureiro e Hugo Moss.

Formado por Chris Rebello, Eduardo Almeida, Giuseppe Marin e Nini Peixoto, o elenco conta a história de Louise, uma menina de 11 anos. Certo dia, algo extraordinário acontece em sua vida: ela vê atrás de si um grande urso branco transparente, que a segue



Juvenal Pita e o Velocípede

por todos os lugares: em casa, na rua, na escola. Não é fácil convencer sua família de que ele existe.

SERVIÇO

JUVENAL, PITA E O VELOCÍPEDE

Até 8/9, sábados e domingos (11h)

LOUISE/OS URSOS

Até 15/9, sábados e domingos (16h)

Teatro EcoVilla RI Happy (Rua Jardim Botânico, 1008) | Ingressos: R\$ 80, R\$ 40 (meia) e R\$ 25 (lista amiga)

Renato Mangolin/Divulgação

Renato Mangolin/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ecos tardios (e necessários) de Terence Davies

Amazon Prime resgata produções aclamadas do cineasta inglês, referência na luta contra a homofobia e na representação da poesia, que ganha retrospectiva na Cinemateca de Lisboa

Dois títulos recentes da introspectiva (leia-se também “requintada”) filmografia do inglês Terence Davies (1945-2023) – “Amor Profundo”, de 2011, e “A Canção do Pôr do Sol”, de 2015 - hoje batem ponto na grade da plataforma Amazon Prime, de modo a manter viva na seara do streaming uma estética particularíssima, que fez da quietude uma forma de devassar segredos e dilemas existenciais. No exterior, também se percebe um empenho de instituições voltadas para a memória do audiovisual em redescobrir a obra de um realizador admirado, mas pouco visto.

É o caso da retrospectiva “O Cantor da Memória”, que hoje mobiliza a Cinemateca Portuguesa, em Lisboa. Lá estão a totalidade dos curtas e longas rodados por ele, a partir de sua estreia, em 1976 (foram 14 produções ao todo), incluindo “Benção” (“Benediction”), que rendeu a ele o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de San Sebastián, em 2021.

“Falo da paixão, em contextos de conflito, sem nunca me render à amargura”, disse Davies ao Correio da Manhã, em entrevista em San Sebastián.

Em tudo que rodou, com destaque para “Vozes Distantes” (Ganhador do Leopardo de Ouro de Locarno e do Prêmio da Crítica de Cannes, em 1988), Davies flertou apaixonadamente com o Tempo, buscando nele brechas para retratar a homoafetividade. Esforçava-se para discutir as lutas contra o preconceito. “Saí do armário tarde, ou no mínimo, depois do que eu desejava”, disse, em entrevista na Espanha.

Numa busca sagaz contra a intolerância, numa mistura de resiliência, lirismo e equidades, o cineasta, nascido em Liverpool, passou algumas vezes por reflexões e biografias ligadas à poesia, como “Além das Palavras” (2016), sobre as estrofes de Emily Dickinson (1831-1886). Em “Benção”, volta a buscar a força



Divulgação

‘Benção’, coroado com o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de San Sebastián, é o derradeiro longa de Terence Davies

Montse Castillo/SSIFF

trágicas de poetas ao propor um balanço da lírica de tom controverso do também britânico Siegfried Loraine Sassoon (1886—1967). “Sempre observei a vida de Sassoon com o encanto de alguém que teve conflitos de se aceitar, não apenas no seu querer, mas na sua relação com o Divino, mas que nunca deixou de fazer da guerra sua inimiga, seu alvo”, disse o diretor.

Em “Benção”, a suntuosidade da fotografia de Nicola Daley, uma artesã da luz, capta a dimensão ultrarromântica do mundo



de Sassoon e sua alma. “Ao me debruçar sobre arquivos cinematográficos da I Guerra, com cenas de trincheiras na Europa, titubeei, por acreditar, por um momento, que jamais captaria aquele horror. Mas foquei em outro aspecto: nas emoções”, disse Davies.

Dois poemas bastam para traduzir, em verbetes, a complexa figura interpretada (com muita delicadeza) pelo ator Jack Lowden no finíssimo drama de Davies. Autor de livros aclamados como “Suicide in the Trenches” e “Memoirs of a Fox-Hunting Man”,

Sassoon escreveu: “Que falta faz? — teres perdido as pernas? Todos te irão tratar com simpatia E não deves mostrar que te angustia. Sentir que os outros correm disputando Seus lugares à mesa das tabernas. Que falta faz? — teres perdido a vista?... Aos cegos há trabalho assegurado E todos vão tratar-te com cuidado. Quando virem teu rosto que relembra Voltado para a luz que não avista. Que Falta faz? — teres sonhado em vão?... Podes beber: esquece e alegre um pouco; Ninguém há de pensar que estejas louco. Pois sabem que lutaste pela pátria E por isso jamais te afligirão.” A tradução acima, encontrada na web, é de Ivo Barroso. Sassoon brilha ainda em: “Quem quer palavras no bosque de outono Onde a cor termina? Ali, velhas histórias e glórias contadas — O vento as elimina. Estreita-se a razão no vale dos túmulos. Que contam o esforço do homem. Ali as fábulas do tempo são a luz sumindo. Sobre rostos que somem.” A tradução desse último poema é de Jorge Wanderley. “Sassoon hoje desperta interesse pela maneira como usou a poesia como um instrumento contra o belicismo”, diz Davies.

O site da Cinemateca lisboeta traz um estudo profundo de seus movimentos: “O cinema de Terence Davies é composto na total elegância minimalista, nos lânguidos movimentos de câmara, na estase dos olhares, na contemplação das paisagens e na pujança de uma narração esparsa e fragmentária. A isso, junta-se uma dedicação aos atores e ao trabalho em torno da escrita e desenvolvimento de personagens (não esqueçamos que Davies quis ser ator e dirigiu peças de teatro radiofônico), que se revela na sutileza dos seus protagonistas, atravessados por dilemas surdos, melancolias do olhar, dores inomináveis e vontades indizíveis. A isto junta-se o trabalho sistemático em torno da autoficção, numa primeira fase, e em torno dos pressupostos da adaptação literária (que Davies trabalha com renovado fulgor)”.

Michael Keaton ainda se diverte (e nós, também)

Considerado o Batman mais querido pelo mundo nerd, o astro de 72 anos regressa aos holofotes como o tranca-rua Beetlejuice, firmando-se ainda como realizador

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dez anos depois de abrir o Festival de Veneza com “Birdman (ou A Inesperada Virtude da Ignorância)”, que lhe rendeu um Globo de Ouro e uma merecida indicação ao Oscar, Michael John Douglas Keaton retornou à terra das gôndolas, novamente incumbido de abrir a corrida pelo Leão de Ouro, agora na pele de um de seus personagens mais icônicos: o Besouro Suco, ou melhor, Beetlejuice. Há uma semana, o Lido, onde o evento veneziano se passa, rendeu-se ao regresso do bio-exorcista, um espírito zombeteiro surgido em 1988 em “Os Fantasmas Se Divertem”, um híbrido de comédia e thriller sobrenatural, nas raias do terrir, que



Divulgação

Hollywood disse o nome Besouro Suco três vezes e Michael Keaton voltou a ser Beetlejuice para lotar os cinemas

custou US\$ 15 milhões e faturou US\$ 75 milhões.

Seu êxito estampou o carimbo de promissor na carteira de trabalho de seu então jovem cineasta, Timothy Walter Burton, que vinha do departamento de animação da Disney. A boa acolhida que se viu à época pediu bis na projeção na Itália de sua sequência, que estreia com a promessa de se tornar um blockbuster – ou, no mínimo, um mata-saudades de quem cresceu como o original. Há um elenco estelar em cena nessa parte dois, na qual Monica Bellucci se destaca no papel

de uma sugadora de almas, e há a assinatura autoralíssima de Burton.

O chamariz principal, entretanto, é o carisma de um ator de 72 anos, revelado à Hollywood na década de 1980, pelas veias da comédia (com “Corretores do Amor” e “Mr. Mom: Dona de Casa por Acaso”), reinventado como herói ao viver o Homem-Morcego, em 1989. O Batman de Keaton, eleito pela comunidade nerd a melhor de todas as encarnações do vigilante, volta às telonas no próximo dia 19, em meio à comemoração dos 85 anos do Cruzado Encapuzado de Gotham

City.

Sua direção também foi assinada por Burton, que ajudou a fazer de Keaton um de seus musos. Um muso inquieto, que se firma agora também como cineasta. No próximo dia 26, enquanto Beetlejuice ainda estiver arrebanhando plateias, Keaton retorna ao circuito brasileiro com “Pacto de Redenção”, que estrela e dirige. Ele já havia assumido essa dupla função em “Má Companhia” (2008), que marcou sua estreia como diretor.

Sua nova empreitada por trás câmeras conseguiu mais prestígio do que seu debut, não só pela sua maturidade (notável) na condução do set, mas também por sua (boa) atuação na pele do assassino profissional John Knox, que, no apogeu de sua carreira, é diagnosticado com uma doença que afeta sua memória e busca uma segunda chance com seu filho Miles (James Marsden), que está metido numa encrenca perigosa.

Conforme a saga de Knox corre o mundo, Keaton desfruta dos elogios pela volta de Beetlejuice aos holofotes. Em “Os Fantasmas Ainda Se Divertem”, sua ex-noiva, a apresentadora de TV Lydia Deetz (Winona Ryder), é obrigada a evocar o ferrabrás do Além – dizendo seu nome três vezes – para que ele possa ajudá-la a salvar sua filha, Astrid, vivida por Jenna Ortega, estrela da série “Wandinha”, idealizada por Burton. A jovem corre perigo de ficar presa para sempre no Umbral. Com seu caráter nada confiável, o Besouro Suco vai tentar ludibriar Lydia e encontrar meios de dar um olé em um amor de seu passado centenário, a spectral Delores, que arranca de Bellucci um desempenho impecável.

Tem muita situação sinistra em cena, referências cinéfilas de luxo (vide um tributo ao artesão do medo Mario Bava), mas Keaton faz a gente rolar de rir, comprovando o quanto a experiência requintou seu ferramental cênico. Recentemente, a indústria pop deu a ele um Emmy e outro Globo dourado (por “Dopesick”).

CRÍTICA / FILME / OS FANTASMAS AINDA SE DIVERTEM: BEETLEJUICE BEETLEJUICE

Dos múltiplos matrimônios profissionais que Tim Burton contraiu ao longa de uma carreira iniciada em 1979 - vide sua longa parceria com Johnny Depp -, nenhum parece mais feliz e mais frutífero do que seu casamento estético com o músico Danny Elfman, titular das trilhas de seus melhores longas. Colírio para olhos cansados de efeitos visuais forjados à regra dos algoritmos, apoiado numa direção de arte entre o lúdico e o sinistro, “Os Fantasmas Ainda se Divertem - Beetlejuice Beetlejuice” é também um oásis para os tímpanos, na linha melódica particu-

Uma alegoria política (e sombria) dos EUA

laríssima de Elfman.

As batidas taquicárdicas de suas composições se alternam aqui com hits como “Tragedy”, dos Bee Gees (deliciosamente empregada). Elfman e mais uma leva de baladas e sucessos da era disco embalam a vida (e a morte) numa cidadezinha, Winter River,

com jeitão de bairro de subúrbio. O local ilustra uma obsessão burtoniana: investigar os cafundós de uma América que não parece metrópole, assolada por um ar provinciano, cheia de disse-me-disse, onde a privacidade alheia é alvo de futrica.

Nesse mundinho que o diretor esquadi-

nha filme a filme, a banalidade é tanta que os mortos parecem mais felizes do que os vivos. Não por acaso, seu símbolo maior, Beetlejuice, é um diabo que exorciza gente, uma gente que volta em Trump. Mais do que um divertido retorno às origens de um cineasta de gramática personalíssima, aberto a um diálogo com a animação artesanal, a nova estripulia de Besouro Suco é um gesto político que tenta repensar a geografia moral americana a partir de suas entranhas. A inquietude cômica de Michael Keaton agita essa reflexão. (R. F.)

Europa Press



Seguindo os passos da compatriota Shakira exhibe as estatuetas recebidas na edição do Grammy Latino de 2023

Will Smith cantará no festival

Divulgação



Will Smith foi o primeiro rapper a conquistar um Grammy

O ator Will Smith, que também tem uma carreira paralela na música, virá ao Brasil neste mês para cantar no Rock in Rio. O anúncio foi feito em entrevista de Smith ao Fantástico, da TV Globo. “A música é um amor antigo, e está na hora de correr atrás do tempo perdido, afirmou o astro.

Antes de se tornar famoso como o Príncipe de Bel-Air no seriado homônimo, Will Smith já era uma figura proeminente na cena do hip hop. Junto com DJ Jazzy Jeff, formou uma dupla que marcou época, com hits como “Parents Just Don’t Understand” e “Summertime”. Essa parceria rendeu diversos prêmios, incluindo quatro Grammys - a primeira vez que um rapper ganharia a estatueta.

Em 1997, ele iniciou a sua carreira solo, que renderia hits como “Men in Black” e “Gettin Jiggy With It”.

Depois de um período conciliando ambas as carreiras, ele passou a se dedicar mais aos filmes. Seu retorno à música aconteceu neste ano, com o lançamento dos singles “Light em Up” (da trilha do filme “Bad Boys 4”, estrelado por ele e Martin Lawrence), “You Can Make It” e “Ork of Art”, participação em alguns eventos musicais e agora se apresentando no Rock in Rio.

Smith vai se apresentar no palco Sunset, no dia 19, que tem como headliner Ed Sheeran, além de shows de Charlie Puth e Joss Stone. Ainda há ingressos à venda, no site do festival, por R\$ 795.



Por Amanda Cavalcanti (Folhapress)

Nova diva do pop latino a caminho

Como Karol G, no Rock in Rio, caminha para ser a próxima estrela do segmento reggaeton

estouro da música latina nos Estados Unidos, o que alavancou sua popularidade, inclusive entre artistas americanos. Nos anos seguintes, ela lançaria faixas com Migos, Jonas Brothers e Nicki Minaj - “Tusa”, seu dueto de 2019 com a rapper, foi sua primeira música a entrar nas paradas americanas.

Além do reggaeton que domina sua Medellín, a cantora também é conhecida por sua facilidade em explorar gêneros de outros cantos da América Latina e Caribe - o dembow e o dancehall jamaicanos

e o merengue dominicano, por exemplo, também fazem parte de seu repertório, que cresceu em 2022 com “Mañana Será Bonito”, seu trabalho mais consistente até então.

O álbum abriu ainda mais portas para Karol G, que recebeu neste ano o prêmio de melhor álbum de música urbana do Grammy. A colombiana ainda assinou um contrato com a gravadora Interscope e fez uma canção para a trilha sonora do filme “Barbie”, um dos grandes fenômenos da cultura pop do ano passado.

Com toda a América Latina que fala espanhol, os Estados Unidos e a Espanha a seus pés, resta a Karol G quebrar a última barreira para artistas latinos - o Brasil. É um mercado pouco penetrado por artistas do pop com as mesmas origens dela mas com um tamanho atrativo.

Karol é a segunda cantora de reggaeton a subir no palco do Rock in Rio no Rio de Janeiro - Shakira se apresentou em 2013. A expectativa é de que ela use esta plataforma para se provar como a próxima grande artista latina e promover seu crescimento.

Em apresentação em São Paulo em maio deste ano, a colombiana Karol G se recusou a fazer o básico. Com estrutura enorme, como uma grande sereia cenográfica no palco, participações especiais de Pablo Vittar, Dennis DJ e Kevin o Chris, trocas de roupa e balé, a cantora fez um show de mais de duas horas.

Ela mostrou porque seu giro “Mañana Será Bonito” se tornou a turnê latina mais lucrativa de uma artista feminina da história, e a segunda no ranking geral, ficando atrás apenas de Bad Bunny.

No dia 20 de setembro, que tem ingressos esgotados, ela se apresenta no Brasil mais uma vez, abrindo o palco Mundo para a headliner Katy Perry. A colombiana deve seguir com seus esforços para se tornar a próxima grande estrela latina global.

Karol foi criada em Medellín, tendo aparecido na versão colombiana do programa de calouros The X Factor quando ainda era adolescente. Sua carreira começou a deslanchar quando ela se mudou para Nova York há dez anos. Um dueto com o porto-riquenho Bad Bunny, “Ahora Me Llama”, de 2017, foi seu primeiro grande hit.

O sucesso de Karol G calhou com o

'Ele é muito mais complexo e interessante do que eu havia percebido. Uma contradição enorme'

George Harrison oscila entre o místico e o desprezível na biografia 'O Beatle Relutante'

Por Ivan Finotti (Folhapress)

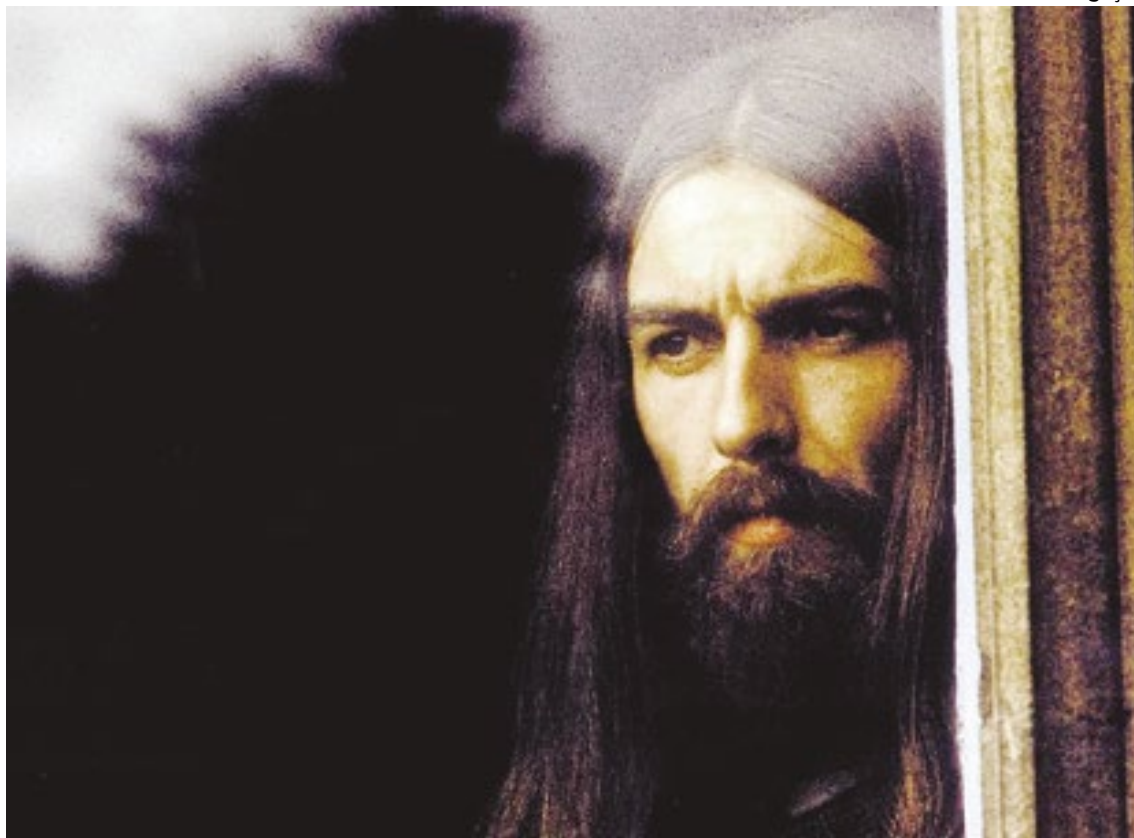
Para o britânico Philip Norman, um dos mais respeitados "beatlelogos" em atividade, escrever a biografia "George Harrison - O Beatle Relutante" foi uma espécie de ajuste de contas consigo mesmo.

O autor se destacou lá em 1981, ao lançar "Shout! - The True Story of the Beatles" (Grito! - a verdadeira história dos Beatles), um imediato best-seller que vendeu cerca de 1 milhão de exemplares.

Cerca de 15 biografias se seguiriam na sua obra, como as de Buddy Holly, Elton John, Eric Clapton e dos Rolling Stones. No meio disso, quando Harrison morreu, em 2001, Norman foi convocado pelo jornal The Times a escrever um obituário.

O resultado - que tinha "um viés incessantemente negativo, em alguns trechos até insultuoso", segundo ele próprio - despertou inúmeras reações contrárias, o que o marcou. Nos agradecimentos desta nova biografia, lançada agora no Brasil, Norman diz que "precisa reconhecer um erro grave".

Pede desculpas pelo artigo e



Divulgação

O beatle George Harrison em imagem do início dos anos 70, quando gravou seu primeiro álbum solo, 'All Things Must Pass'

lamenta que ele esteja disponível na internet. "É como um vampiro, você não pode matá-lo", afirma jornalista à reportagem em uma entrevista por vídeo.

"Harrison nunca foi o maior guitarrista, vocalista ou compositor do mundo", dizia aquele texto, completando que ele havia sido, contudo, essencial para a fórmula do Fab Four.

E quanto ao novo livro? "Eu não sabia o suficiente sobre ele quando escrevi aquele obituário. Não era totalmente falso, mas o momento não era certo para dizer aquelas coisas. Mas muito era de fato verdade."

"Eu realmente tive que escrever a biografia de John Lennon [2008]

e depois a de Paul McCartney [2016] para descobrir sobre George, como ele foi marginalizado por anos pelo enorme talento de Lennon e McCartney, como ele foi realmente muito corajoso. Ele não desistiu. E no final, fez o melhor de suas músicas, tão boas quanto as melhores músicas de Lennon e McCartney. Elas não eram tão numerosas, mas as melhores delas eram como as melhores de John e Paul", diz.

A boa notícia é que isso não significa que o autor vá tratar Harrison com condescendência agora. Questionado sobre a capacidade do guitarrista de ser detestável - conforme histórias que estão no livro -, Norman não titubeia.

"Muito desagradável e muito, muito mundano também. Apesar de sua espiritualidade, ele era muito mundano. Sua primeira mulher, Patty Boyd, lembra como ele podia mudar de um para o outro em um segundo. Poderia estar girando sua roda de orações em um momento e querendo usar cocaína no outro."

"Para mim, isso é resumido pela história que aconteceu em um voo longo, quando ele está murmurando algo para si mesmo", lembra o biógrafo. "Uma comissária de bordo diz: 'Gostaria do seu almoço agora, senhor Harrison?' Ele responde: 'Vá se lascar, não vê que estou meditando?' Isso é George para mim em poucas palavras."

Essas histórias, porém, não são o cerne do livro e não se deve esperar uma obra "anti-Harrison". "Ele é muito mais complexo e interessante do que eu havia percebido", aponta o autor. "Ele é uma contradição enorme."

"Harrison podia ser muito charmoso ou nada legal. Podia ser muito nobre, como no show para Bangladesh que organizou, o primeiro tipo real de benefício de estrela do rock para uma instituição de caridade. Mas podia ser muito desprezível. Ele seduziu a esposa de Ringo. Dizem que ele era o Beatle quieto, mas a maioria das pessoas que o conheciam me disse que ele nunca parava de falar. Então, foi a contradição do personagem que me interessou."

Quanto ao adjetivo que está no título da biografia, "relutante", Norman diz não se referir a sua atuação como músico, mas como estrela do rock. "Ele era uma pessoa muito reservada e odiava a histeria da Beatlemania. Quando as pessoas não conseguiam ouvir seu solo de guitarra muito bem elaborado - e na América, às vezes ele tentava tocar com duas jovens penduradas em seu pescoço -, ele odiava tudo isso."

Devido ao obituário do Times, Norman nem tentou ouvir a segunda mulher de Harrison, Olivia Arrias. "Não achei que houvesse esperança de que ela aceitasse."

Por outro lado, teve bastante contato com a primeira, Patty Boyd, e tinha em seus arquivos o material de pelo menos três livros já lançados sobre os Beatles, sem contar a biografia de Clapton, o melhor amigo de Harrison e que lhe roubou a esposa nos anos 1970.

E Norman não pretende parar por aí. Seu novo objeto de pesquisa é Brian Epstein, o empresário dos Beatles que morreu no auge da banda, em 1967.

"Não há uma biografia adequada de Epstein, que realmente mostre toda a extensão de suas conquistas. Seu efeito na história da música popular foi fenomenal, e é também incrível a maneira como ele se relacionava com os Beatles. Eles eram como seus filhos, mais do que seus clientes."



A ausência de pessoas é um traço comum no trabalho de Gabriele Basilico. Quando aparecem, são apenas acessórios da paisagem urbana

Um cronista visual do tecido urbano



Exposição com imagens do fotógrafo italiano Gabriele Basilico privilegia o registro arquitetônico



Está chegando ao fim a exposição “Gabriele Basilico: Paisagens Urbanas”, promovida pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro e que poderá ser visitada, gratuitamente, até o próximo dia 11 no Polo Cultural Italiano Rio – arte, design e inovação. A seleção de obras inclui 77 fotografias realizadas entre 1978 e 2012, cobrindo quase todo o seu percurso artístico, com curadoria de Giovanna Calvenzi e Filippo Maggia.

Nascido em Milão, em 1944, Basilico foi um dos fotógrafos italianos mais conhecidos internacionalmente e suas obras estão presentes em coleções de prestigiadas instituições públicas e privadas em todo o mundo - mais de 130 livros e catálogos foram publicados sobre seu trabalho.

Após obter o diploma em arquitetura em 1973, Basilico iniciou uma jornada de pesquisa que, através da fotografia, examina com detalhe as áreas urbanas e a paisagem industrial.

A exposição percorre a carreira artística de Basilico começando com sua Milão. Basilico trabalhou também numa coleção de imagens dos portos europeus: Gênova, Hamburgo e Antuérpia. Beirute representa outro importante capítulo na obra de Basilico: o artista milanês visitou a capital do Oriente Médio quatro vezes entre 1991 e 2011.

“A escolha do ponto de vista não é mais apenas fruto de uma longa e cuidadosa inspeção, mas o ato final de um exercício que o fotógrafo viveu plenamente, com generosidade e respeito pelo lugar e por quem o vive e o transforma a cada dia”, destaca Marco Marica, diretor do Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro.

Em todas as cidades, Basilico nunca está interessado em retratar o notório. O elemento unificador é a ausência de figuras humanas que, mesmo quando presentes, constituem um elemento acessório, um complemento da paisagem ur-

bana, como os automóveis ou trilhos ferroviários. O que interessa a ele é retratar cada cidade na sua essência arquitetônica, independentemente da humanidade que a construiu.

Fazem parte da mostra também algumas fotos do Rio de Janeiro realizadas quando Basilico visitou a cidade para a inauguração de uma exposição. Coerente com sua visão, não se deteve na iconografia tradicional da Cidade Maravilhosa. Em suas imagens, não vemos o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, as praias da Zona Sul, os Arcos da Lapa ou o Carnaval. Sua atenção foca no tecido urbano, no verticalismo dos edifícios modernos, no detalhe de um cruzamento anônimo de uma rua da periferia. “Um olhar sobre a contemporaneidade que nos obriga a refletir sobre a natureza dos espaços urbanos em que vivemos e sobre como a forma da cidade contribui para moldar nossas relações sociais e nosso modo de viver”, reforça Marica.

SERVIÇO

GABRIELE BASILICO: PAISAGENS URBANAS
Polo Cultural Italiano Rio – arte, design e inovação (Av. Pres. Antônio Carlos, 40 - Centro)
Até 11/9, de segunda a sexta (7h30 às 16h30)
Entrada franca